



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O labirinto de Oiticica

Hélio Oiticica desejava que a arte saltasse do quadro, da gravura ou do desenho para o espaço. Queria uma arte corporal que fosse caminhada, atravessada e vestida. Foi o último a aderir ao movimento Neoconcreto, no final da década de 1950, realizou as experiências mais extremas, que anteciparam experimentações que se fariam em vários pontos do mundo. Queria que o espectador participasse ativamente nas obras.

Morei em São Paulo durante a adolescência e, aos 14 anos, levei um susto ao assistir Caetano Veloso, dentro de uma jaula, metido em uma capa multicolorida, jogando bananas e cantando “é preciso estar atento e forte/Não temos tempo de temer a morte”. A roupa era o Parangolé, a capa tropicalista, de Hélio Oiticica.

O CCBB instalou nos jardins o penetrável *A invenção da cor: Magic Square*, concebido por Oiticica no final da década de 1970. É possível apreciá-lo de várias perspectivas. Passo de carro todos os dias na ida e na volta do trabalho e sempre dou uma mirada. *Magic Square* é um labirinto vertical, que interage com o céu de Brasília. A coletânea de artigos de Oiticica é intitulada, significativamente, *Aspiro ao grande labirinto*.

Magic Square se parece com as obras de integração arte-arquitetura de Brasília. No entanto, a diferença está na despreocupação com a funcionalidade. A instalação de Hélio Oiticica subverte as relações espaciais com uma função eminentemente estética. E já que o autor confere relevância à experiência sensorial e subjetiva do espectador, registrei as minhas impressões.

Ao atravessar a obra senti mesmo a angústia de quem está enredado em um labirinto colorido, mas um labirinto vertical e talvez espacial, um labirinto com aberturas para todos os lados. É fácil escapar das paredes de amarelos, vermelhos e azuis tão puros que parecem ser flagrados no estado mais puro e fulgurante. Existe o vão aberto diretamente para o céu e um teto solar transparente

que filtra as nuvens de Brasília.

Se estivesse instalado em uma cidade tradicional, talvez o trabalho de Oiticica estivesse deslocado. Mas o construtivismo e a espacialidade de Brasília favorecem e enriquecem a interação dos espectadores com as obras de arte contemporânea. Não é difícil imaginar a obra de Oiticica interagindo com o céu plúmbeo de uma cidade como São Paulo.

Magic Square se parece com as obras de integração arte-arquitetura de Brasília. No entanto, a diferença é o descompromisso com a funcionalidade. A instalação de Hélio Oiticica subverte as relações espaciais com uma função eminentemente estética e sensorial. Não significa nada em si; é um convite à experiência do espectador.

Brasília foi criada por artistas ou por políticos com alma de artista. Niemeyer convidou Athos Bulcão, Volpi, Di Cavalcanti, Cheschiatti, Bruno Giorgi, Maria Martins, Marianne Perretti. É um acervo muito rico, porém, ele deveria ser atualizado e acrescido de novas obras de arte contemporânea. Isso enriqueceria muito a nossa interação cotidiana com a arte. Brasília poderia ser uma Inhotim em ponto grande.

Inclusive porque um dos grupos precursores da arte conceitual brasileira surgiu em Brasília, a partir do Ciem, escola experimental da UnB, com Cildo Meirelles, Guilherme Vaz e Luiz Alphonso. Por isso, merece aplauso a iniciativa do CCBB de instalar as esculturas de Amílcar de Castro e o labirinto vertical de Oiticica.

Transmissão da covid-19 está acima de 1 há quase um mês no DF. Estudiosos da crise sanitária recomendam volta da obrigatoriedade das máscaras e incentivo à imunização. Saiba os locais onde se vacinar neste sábado

Avanço dos casos preocupa

» ANA ISABEL MANSUR

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

A situação da pandemia da covid-19 no Distrito Federal tem preocupado especialistas, e a avaliação é de que o cenário atual representa uma nova onda da infecção. Acima de 1 há 29 dias, a taxa de transmissão da doença na capital do país chegou, ontem, a 1,43 — resultados superiores a 1 apontam que a pandemia está fora de controle. O dado de ontem mostra que cada 100 pacientes infectados podem contaminar, em média, 143 pessoas.

O descontrole do contágio se reflete nos novos casos diários de covid-19: há 15 dias, a média semanal de infecções no DF está acima de 500. Graças à vacinação — que contempla, com duas doses, 84,35% dos brasilienses acima de 5 anos — o cenário alarmante não tem se estendido às mortes pela doença. Ontem, o DF não registrou óbito em decorrência da infecção, pela sexta vez desde o início da pandemia.

No entanto, a baixa quantidade de mortes não deve servir de justificativa para despreocupação com a crise sanitária. Especialistas de diferentes áreas ouvidos pelo **Correio** alertam que a situação merece atenção. “Estamos numa situação pior que em dezembro e semelhante ao início da última onda”, aponta o professor Tarcísio Marciano, da Universidade de Brasília (UnB), integrante de um grupo de pesquisadores da universidade que acompanha a evolução da pandemia no país. Infectologista, Ana Helena Germoglio é ainda mais incisiva que o colega: “Estamos vivendo, infelizmente, uma nova onda de covid-19. Claro que não se compara ao que já vivemos, mas, sim, representa um aumento”, destaca a médica.

A situação é reforçada por Breno Adaid, pesquisador do Centro Universitário Iesb e pós-doutor pela UnB em ciência do comportamento, que acompanha diariamente os índices da pandemia desde o começo da crise sanitária. “Estamos em (cenário de) alta. A taxa de transmissão está dando sinais de estabilidade no alto. Ainda temos um longo caminho até o índice voltar a ficar abaixo de 1. Até lá, os casos vão subir”, prevê. Breno Adaid cita, ainda, fatores que contribuem para o descontrole do vírus. “Estamos no clima frio, que favorece



Contágio em alta no Distrito Federal: atualmente, cada grupo de 100 brasilienses pode infectar outros 143

o contágio. O contexto é pior (do que no início do ano): sem máscara e frio, situação muito favorável para disseminação. Soma-se a isso aglomeração em locais fechados e ausência de máscaras”, acrescenta.

Subnotificação

Parte do atual cenário pode ser explicada pelas pessoas não imunizadas. “Temos de ter especial preocupação com os jovens e adolescentes, menos vacinados que os mais idosos, e, sobretudo, com as crianças em idade escolar, que estão muito expostas nos colégios”, observa o professor da UnB Tarcísio Marciano. Por enquanto, apenas as crianças acima de 5 anos estão autorizadas a receber as duas doses (D1 e D2) dos imunizantes. A dose de reforço (terceira aplicação) pode ser administrada apenas em pessoas com 18 anos ou mais que receberam a D2 há, pelo menos, quatro meses.

A infectologista Ana Helena Germoglio ressalta a constatação do professor. “Isso (alta de casos) é fruto de muitas pessoas que sequer buscaram a terceira ou quarta doses da vacina. Talvez a suspensão do uso de máscaras tenha sido de forma precoce”, avalia a

médica. Para Mauro Sanchez, epidemiologista da UnB, a situação é ainda pior. “Sabemos que há subdetecção dos casos de covid-19, o que é agravado pelo uso de autotestes, que nem sempre têm os resultados integrados aos sistemas oficiais de informação”, explica. O especialista observa que apenas parte do grande volume de infecções tem sido contabilizadas. “O que indica circulação aumentada e significativa do vírus”, acrescenta.

Condutas

Os especialistas concordam quanto ao que deve ser feito para frear o avanço de casos no DF. O ideal é retomar as medidas sanitárias e acelerar a vacinação contra a doença. “Voltar a exigir o uso de máscaras e evitar aglomerações, sobretudo em locais fechados e sem ventilação natural”, recomenda Tarcísio Marciano. Segundo o professor, o comportamento das pessoas é essencial no combate à pandemia. “(A vacinação avançada) é a principal causa da redução da mortalidade. A probabilidade de alguém morrer estando com a vacinação completa (1ª e 2ª dose mais reforço) é muito baixa. Por isso, a pandemia ficou menos mortífera”, explica,

sem deixar de destacar: “mas há ainda um **número importante** de pessoas não vacinadas ou que não tomaram o reforço.”

Mauro Sanchez completa a explicação e alerta para o perigo de não reforçar a imunidade contra a doença. “Existe a possibilidade de agravamento do quadro, em caso de infecção. Temos de ter uma grande campanha para, novamente, sensibilizar a população para ir aos postos de vacinação, além de retomar o uso de máscaras em ambientes fechados ou com grande aglomeração de pessoas”, sugere o epidemiologista, que admite, contudo, a exaustão da população. “O uso da proteção individual é uma ferramenta que, no momento, não pode ser deixada de lado — apesar de todo o cansaço, compreensível após mais de dois anos de pandemia”, completa.

Ana Helena Germoglio é categórica ao reforçar o posicionamento dos demais especialistas. “Só temos, agora, dois grandes aliados contra a doença: o uso de máscara, principalmente em locais com muitas pessoas ao nosso redor, independentemente de ser aberto ou fechado, e a imunização”, elenca a epidemiologista. “Enquanto não insistirmos na ferramenta mais eficaz, segura, confiável e necessária — a vacinação — vamos continuar, infelizmente, patinando e tendo novas ondas”, lamenta.

Imunização

Segundo a Secretaria de Saúde, cerca de 177 mil brasilienses acima de 12 anos não deram início ao ciclo vacinal contra a covid-19. Além disso, quase 110 mil pessoas com 12 anos ou mais não retornaram às unidades de saúde para receber a segunda dose. Estima-se, ainda, que 743 mil pessoas, que já podem tomar a terceira dose (D3), não buscaram o reforço.

» Explicação

O Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) protocolou um ofício, ontem, pedindo informações sobre as medidas tomadas pelo Executivo local para o enfrentamento do aumento de casos no DF e a elevada taxa de transmissão na capital federal. A Casa Civil recebeu o requerimento. A força-tarefa de enfrentamento à covid-19 do MPDFT requisitou, ainda, à Secretaria de Saúde a ampliação da testagem na população.

Vaccine-se

Feirinha da Vila São José, em Brazlândia

Endereço: Quadra 37, AE 2, Conjunto 1 — Vila São José, das 9h às 17h; Disponíveis vacinas contra covid-19 para crianças de 5 anos a 11 anos (primeira e segunda dose), pessoas dos 12 aos 49 anos (primeira dose, segunda dose e dose de reforço) e acima dos 50 anos (primeira dose, segunda dose, dose de reforço e segunda dose de reforço/quarta dose); todos das 9h às 17h.

Escola Classe 16 de Planaltina

Endereço: Condomínio Estância Mestre D'Armas IV Módulo 6, das 9h às 17h; Disponíveis vacinas contra covid-19 para crianças de 5 anos a 11 anos (primeira e segunda dose), pessoas dos 12 aos 49 anos (primeira dose, segunda dose e dose de reforço) e acima dos 50 anos (primeira dose, segunda dose, dose de reforço e segunda dose de reforço/quarta dose); todos das 9h às 17h.

UBS 1 Asa Sul

Endereço: SGAS 612, das 9h às 17h; Disponíveis vacinas contra covid-19 para crianças de 5 anos a 11 anos (primeira e segunda dose), pessoas dos 12 aos 49 anos (primeira dose, segunda dose e dose de reforço) e acima dos 50 anos (primeira dose, segunda dose, dose de reforço e segunda dose de reforço/quarta dose); todos das 9h às 17h.

UBS 2 de Ceilândia

Endereço: QNN 15 Lote F, das 9h às 17h. Disponíveis vacinas contra covid-19 para crianças de 5 anos a 11 anos (primeira e segunda dose), pessoas dos 12 aos 49 anos (primeira dose, segunda dose e dose de reforço) e acima dos 50 anos (primeira dose, segunda dose, dose de reforço e segunda dose de reforço/quarta dose); todos das 9h às 17h. Também haverá vacinação de Influenza para os públicos prioritários.

Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou todo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 3 de junho de 2022

» Campo da Esperança

Aurelina Lisboa, 93 anos
Emanoel Pinheiro Fernandes, 80 anos
Francisco Pereira Abreu, menos de 1 ano
Ieda Bulhões Vicente dos Santos, 79 anos
Jamil Scarassati, 66 anos
José Carlos Freires da Silva, 21 anos
Marcos Luiz Moreira Marques, 61 anos

Maria do Socorro Lopes da Silva, 57 anos
Maria Guerra Oliveira, 93 anos
Mauro Neves Araújo, 45 anos
Nivalda César Soares, 97 anos

» Taguatinga

Antônia Cardoso Teixeira, 71 anos
Antônio Castro Filho, 70 anos
Carlos Alberto Pereira Duarte, 79 anos

Elvira Borges Amâncio, 92 anos
Elza de Sousa, 77 anos
Francisco Roberto de Oliveira, 45 anos
Francisco Sales Bernardino, 84 anos
José Ananias da Silva, 67 anos
Leia Oliveira Dos Santos, 53 anos
Maria Ana Alves de Souza, 80 anos
Maria Lica da Silva, 81 anos

Sérgio da Costa Teixeira, 91 anos
Ueliton dos Santos Dantas Júnior, 18 anos

» Gama

Aderbal Jesus Alves, 78 anos
Vicente de Paiva, 85 anos

» Planaltina

Ailton Vieira da Fonseca, 70 anos
Márcio Batista Sales, 52 anos

Terezinha Callai, 81 anos

» Brazlândia

Leandro da Silva Fonseca, 36 anos

» Sobradinho

Ivone Becker, 83 anos
João José de Santana, 56 anos
Leonardo Dias do Nascimento, 19 anos
Maria José Ferreira da Silva, 90 anos

» Jardim Metropolitano

Arlindo Massalino, 80 anos
Cláudio Lopes de Aquino, 60 anos (cremação)
José Alves de Souza, 82 anos (cremação)
Vidal de Sousa Brito, 85 anos (cremação)
Olga Chaves Barros, 58 anos (cremação)
Alonso Martins Ferreira, 76 anos